

expressões de que usava o barão (da Parnaíba), em suas ordens secretas de extermínio, eram as seguintes: *sejam estoporados esses tratantes, não tenho onde guardá-los*. A Maioridade, reconhecida por isso mesmo, passou-o de barão a visconde.

A imprensa praieira

O último reduto liberal seria Pernambuco. Depois do golpe de 1840, por isso mesmo, com a monarquia restabelecida e os conservadores consolidados pela repressão das rebeliões regenciais, ali encontrou a imprensa o cenário que lhe permitiria ainda expandir-se. Pelas suas características, assim, a imprensa praieira está ligada ao período da Regência. Não se expandiria ela apenas com órgãos ligados como o *Diário de Pernambuco*, em circulação desde 7 de novembro de 1825 e que defendia as posições conservadoras, mas em órgãos liberais os mais variados, que proporcionam, ali, entre a Maioridade e o movimento de 1848, um dos mais intensos espetáculos da imprensa brasileira. Antônio Borges da Fonseca viria a ser a ponte entre a imprensa liberal da Corte, que fundamentara e gerara o *Sete de Abril*, e essa imprensa liberal pernambucana, de cuja pregação surgiria a rebelião praieira.

Em janeiro de 1837, estava o ardoroso panfletário, que regressara à Corte, na direção do *Repúblico*, agora em sua quarta fase, lutando pelos mesmos princípios por que se batera antes e travando memoráveis debates com o *Diário do Rio de Janeiro*, o *Sete de Abril*, o *Semanário do Cincinnati* e outros menores ou avulsos, defendendo os *farrapos* e escalpelando o *regresso* que se processava. A repercussão de sua campanha provocaria o ódio dos adversários, que o ameaçavam com os rigores da lei. Assim, o *Sete de Abril*, a 28 de janeiro, propalava que a promotoria pública iria “imediatamente acusar todos os números do *Repúblico*, pretéritos, presentes e futuros, o que de novo fará com que o Sr. Borges da Fonseca se ausente deste Rio de Janeiro, como fez em outra ocasião por motivo semelhante”. Justiniano José da Rocha, um dos mais caracterizados escribas da época — “o mais notável dos nossos jornalistas”, para a historiografia oficial — ao combater Borges da Fonseca, levantava já a idéia da Maioridade. Queriam antecipá-la os “regressistas”, como viriam a fazer; Borges da Fonseca queria protelá-la: a seu ver, o herdeiro do trono só deveria assumi-lo após completar vinte e cinco anos. Justiniano, em *O Cronista*, esboçava a manobra que, três anos depois, seria consumada. A esse escriba, que a historiografia oficial se esmera em glorificar, juntar-se-ia, logo adiante,